

Suave revolução: uma experiência de educação popular comunitária

Clodoaldo Meneguello Cardoso*

CARDOSO, Clodoaldo M. Suave revolução: uma experiência de educação popular comunitária. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 2, p. 25-40, 1998.

RESUMO

A partir da experiência comunitária da favela Monte Azul, da cidade de São Paulo, organizada com base no pensamento holístico da Antroposofia, o artigo procura discutir alguns aspectos problemáticos que envolvem esse tipo de educação popular: a) a promoção da pessoa humana como um todo, ou seja, em sua dimensão material e espiritual; b) a contradição entre os interesses do poder público e autonomia da comunidade local; c) a articulação entre as mudanças interiores, ponto de partida para as mudanças exteriores, e as transformações das estruturas sociais injustas; d) a consciência política e a luta da libertação pelo caminho da não-violência.

Os dados, coletados por técnicas da metodologia qualitativa, foram interpretados à luz das teorias educacionais e sócio-políticas do pensamento antroposófico, visando mostrar a articulação teórico-prática da experiência comunitária de Monte Azul e especificidade de alguns aspectos em relação a outras formas de educação popular.

Os resultados mostraram que, embora a teoria social antroposófica possa ser questionada em alguns pontos, a educação popular em Monte Azul consegue atingir plenamente seus objetivos. Lá, o sonho dos pioneiros, a dedicação dos colaboradores e dos voluntários e sentimento de solidariedade fraterna dos moradores sustentam o projeto comunitário. No mundo contemporâneo, onde o ser humano encontra-se sem referencial ético, banalizando todos os tipos de violência, Monte Azul é exemplo do caminho de uma suave revolução.

Unitermos: educação popular, educação holística, antroposofia, pedagogia Waldorf.

* Departamento de Ciência Humanas da FAAC, UNESP/Bauru - Av. Eng.º Luiz Edmundo C. Coube, s/n.º - 17033-360 - Bauru - SP.

INTRODUÇÃO

Quando se trata de educação popular, uma contradição básica salta aos olhos. Se, de um lado, sem a presença do Estado na educação não se pode democratizar as oportunidades educacionais para toda a sociedade, segundo Vale (1991); de outro, um Estado comprometido com os interesses da elite dominante jamais teria um projeto de educação popular realmente voltado para a libertação das camadas populares, por meio da transformação das estruturas injustas da sociedade.

O intuito de conhecer tentativas de superação desse impasse motivou o estudo sobre a experiência de educação popular da favela Monte Azul da cidade de São Paulo, cujas bases filosóficas e pedagógicas estão na Antroposofia: uma linha de pensamento holístico.

O artigo está desenvolvido em três partes. Na primeira, são apresentados os conceitos básicos sobre educação popular, educação holística, visão antroposófica da educação e do social. Num segundo momento, procura-se caracterizar a experiência de educação popular de Monte Azul, por meio da descrição fenomenológica. E, por último, nas considerações finais, apresento as análises dos dados articulando-os com o plano teórico.

EDUCAÇÃO E POLÍTICA

O ponto de partida para pensar a educação, em seu sentido abrangente, é estabelecer uma relação intrínseca entre ela e a visão social. Ora, o elemento norteador de caracterização das diversas visões sociais é o aspecto político. Portanto, compreender o significado de uma ação educativa requer uma reflexão filosófica e política dos próprios fins da educação. Seja ele liberal, socialista, marxista, anarquista etc, o projeto educacional moderno está necessariamente voltado para uma determinada concepção de cidadania que se tem como alvo a alcançar. Nessa perspectiva, a tensão dialética indivíduo e sociedade, teoria e práxis, ciência e política está sempre no âmago do ato de educar.

É claro que essa polarização comum não garante sentido unívoco aos conceitos básicos postos. A diversidade de tendências educacionais está nas diferentes concepções do papel da educação como intervenção social. Em estudo sobre o conceito de educação popular, Vale (1991) sintetiza as três categorias em que podem ser agrupados os significados de educação popular, segundo Brandão (1984): a) modelos democráticos de participação consumista dirigidos à reprodução do sujeito subalterno: produtivo no trabalho, subordinado na vida cotidiana e dócil na ação política; b) modelos democráticos de participação produtiva voltados para o trabalho do tipo comunitário, ou seja, a educação como instrumento de organização das camadas populares visando à transferência de poder às comunidades; c) modelos socialistas de democracia popular, preocupados em acumular poder de classe para a transformação do sistema capitalista.

CARDOSO,
Clodoaldo M. Suave
revolução: uma
experiência de edu-
cação popular
comunitária.
Mimesis, Bauru, v.
19, n. 2, p. 25-40,
1998.

CARDOSO,
Clodoaldo M. Suave
revolução: uma
experiência de edu-
cação popular
comunitária.
Mimesis, Bauru, v.
19, n. 2, p. 25-40,
1998.

Tomemos aqui a educação popular voltada para a organização comunitária, finalidade social de uma educação holística. Nela o conceito de cidadania difere daquele utilizado comumente. Vejamos. A cidadania no âmbito da sociedade é construída a partir de princípios iluministas, isto é, conceitos como dignidade humana, emancipação, direitos, ética têm sua significação e valor nos limites da racionalidade humana. Essa concepção de cidadania funda-se no iluminismo, como demonstra Kant (1974) em resposta à pergunta: o que é esclarecimento?

Já a cidadania no seio de uma comunidade vai além da consciência racional dos direitos e deveres na relação com o outro; aqui há também a exigência do partilhar, de uma convivência untada pelo sentimento de *philia* (amizade) de que falavam os gregos. Neste sentido, a conquista da cidadania não se dá apenas pelo esclarecimento, mas pela sensibilização das relações humanas.

EDUCAÇÃO HOLÍSTICA

Entende-se por educação holística qualquer tendência educacional preocupada em propor caminhos de solução para a crise multidimensional vivida pelo homem contemporâneo, expressa pelo desequilíbrio dos ecossistemas: natural, social e psíquico. Para essa tendência de pensamento, a crise é paradigmática, ou seja, sua raiz principal está no próprio modelo da civilização moderna fundada nos princípios do racionalismo cartesiano e da visão de mundo mecanicista newtoniana.

Opondo-se ao pensamento fragmentário, o paradigma holístico vê o universo com uma rede de interconexões. Nada existe como entidade isolada. "No plano cósmico, todas as coisas se identificam como partes de um único Ser. Ontologicamente, a realidade é concebida como um holograma, em que todo-e-parte formam um binômio inseparável" (Cardoso, 1995).

A pessoa humana também é um todo (hólon) invisível contendo várias dimensões: corpo, intelecto, sentimento e espírito. Para o pensamento holístico, o homem somente poderá ser pleno se desenvolver todas suas dimensões articuladamente. Portanto, para as tendências educacionais holísticas, educar significa superar a formação iluminista centrada na razão e na experimentação. Além dessas, há também o cuidado com a educação dos sentimentos (amor e sensibilidade estética) e da espiritualidade, aqui entendida como a consciência profunda de que somos parte integrante do Ser e, portanto, a vivência da solidariedade com toda a humanidade e da comunhão com todos os demais seres. Para Naranjo (1991), uma educação holística visa a educar "a pessoa como um todo para um mundo como um todo". Essa consciência ecológica profunda, fundada na ética, é a própria essência da educação holística. Não basta, pois, somente ensinar ao educando a compreender e a construir conhecimentos científicos e técnicos, ou formar nele uma consciência esclarecida de cidadania; o momento histórico exige o aprendizado da convivên-

cia comunitária, onde há a possibilidade de recuperação do sentido ético profundo das relações humanas. A vivência comunitária garante o respeito às diferenças naturais e culturais e, ao mesmo tempo, ao bem da coletividade.

Entretanto, a realidade social de hoje apresenta-se totalmente adversa a esses propósitos e, portanto, necessita de profundas transformações. Para o pensamento holístico, o ponto de partida para as soluções dos problemas sociais existentes está no interior de cada um. "Tal posicionamento encontra-se claramente sintetizado em um dos slogans deste movimento: As guerras nascem no coração dos homens; é lá, portanto, que devem ser levantados os baluartes da paz" (Cardoso, 1995).

Não há dúvidas de que mudanças nas estruturas sociais implicam alterações, muitas vezes profundas, nos valores individuais. Contudo, é preciso verificar como se dá, na prática, a articulação entre a mudança de valores no plano pessoal e a mudança social, mesmo que somente localizada. "Não há possibilidade de desenvolver o espírito de paz na humanidade (...) sem erradicação da pobreza, da miséria e da fome. Tratar este problema holisticamente é levantar os baluartes da paz, mediante profunda mudança de valores, conquistas ecotecnológicas e reorganização político-econômica das estruturas sociais..." (Cardoso, 1995).

É preciso, portanto, entender de que modo se dá a articulação entre o "ambiente social" e o "ambiente interior" num processo educacional holístico. Ora, abordar a dimensão social da educação é voltar-se para os compromissos da educação com as camadas populares na sua luta de libertação de todas as opressões. Nesse sentido, algumas questões iniciais nos desafiam: O que seria uma educação popular holística? Que enfoque, o pensamento holístico dá à práxis política? De que modo é trabalhada a consciência de cidadania?

ANTROPOSOFIA E A EDUCAÇÃO

Embora a abordagem holística da educação seja um fenômeno emergente, a pedagogia Waldorf, fundada no pensamento antroposófico, preconizou essa tendência já no início desse século. O nome refere-se à fábrica de charutos Waldorf Astória da Alemanha. Em 1919, Steiner implantou um programa educacional para os filhos dos operários dessa fábrica, com base no pensamento antroposófico. Hoje, conhecidas como Escolas Waldorf, existem mais de 500 delas espalhadas pelo mundo, sendo 50 no Brasil.

Estruturada pelo pensador austríaco Rudolf Steiner (1861-1925), a Antroposofia, segundo Lanz (1990c), tem sua origem na Teosofia, doutrina espiritualista que faz fusão de ocultismo e de crenças orientais, fundada por Helena Petrovna Blavatsky, na segunda metade do século XIX. O próprio Steiner pertenceu à Sociedade Teosófica, quando com esta rompeu em 1913 para divulgar o seu pensamento.

CARDOSO,
Clodoaldo M. Suave
revolução: uma
experiência de edu-
cação popular
comunitária.
Mimesis, Bauru, v.
19, n. 2, p. 25-40,
1998.

CARDOSO,
Clodoaldo M. Suave
revolução: uma
experiência de edu-
cação popular
comunitária.
Mimesis, Bauru, v.
19, n. 2, p. 25-40,
1998.

Em sua formação acadêmica, a tradição filosófica idealista e, em especial, as ciências naturais do século XIX deixaram marcas profundas. No entanto, sua personalidade espiritualista - manifestada desde a infância - levou Steiner a mergulhar em reflexões em busca de uma "ciência" espiritual nos moldes dos métodos rigorosos das ciências naturais. Sua paixão pela Geometria (Wilson, 1988), estava no fato de ela possuir juízos puramente mentais. Isso o encantava, porque, se o homem possui capacidade de penetrar no mundo dos objetos mentais de forma científica, poderá desenvolver a habilidade de alcançar realidades interiores mais profundas.

Como práxis educativa, a pedagogia Waldorf possui uma concepção clara de homem e de sociedade, contendo em si um projeto político no sentido mais amplo e radical do termo.

Para Lanz (1990a), em contraposição ao materialismo mecanicista moderno, a Antroposofia contém concepção espiritualista do homem e do universo, acreditando ser possível uma harmonia dessa com o saber científico. A visão holística da Antroposofia fundamenta-se em duas verdades fundamentais: o sentido último da existência humana é espiritual e esse encontra-se na relação do ser humano com a natureza e com o cosmo.

Respeitando a pessoa humana como um todo indivisível, a proposta da pedagogia Waldorf busca desenvolver no educando: a) a harmonia entre o pensamento, o sentimento e a vontade, evitando a aridez da formação puramente intelectualizada; b) a consciência ecológica profunda, que estabelece um sentido ético nas relações do indivíduo com a natureza, com o outro e consigo mesmo; c) o espírito de comunidade, pautado pela sensibilidade que leva os homens a se perceberem como humanidade e a se respeitarem enquanto individualidade; d) a capacidade intelectual, a criatividade, a imaginação, a sensibilidade estética; e) a consciência moral alicerçada no sentimento de solidariedade com o outro e de comunhão com os demais seres do universo.

ANTROPOSOFIA E QUESTÃO SOCIAL

A educadora Ute Craemer (1989), uma das pioneiras da educação antroposófica no Brasil, em A questão social, compartilha da idéia corrente de que a humanidade vive hoje, de forma aguda, uma miséria material e espiritual, expressa nas mais diversas formas de violência do indivíduo contra o outro, contra a natureza e contra si mesmo. Para ela, duas teorias explicam as causas e apontam soluções diferentes para os problemas sociais. Uma coloca na pessoa a origem desses problemas, uma vez que o mal e o bem coexistem na alma humana. Já uma outra teoria vê toda a miséria social como consequência do próprio desenvolvimento da sociedade do qual dependem nossas idéias, sentimentos e ações. As soluções, portanto, são também distintas. A primeira teoria vê na mudança psíquica e no crescimento interior o caminho para interferir na vida social. É o caminho lento da educação de cada ser humano, da

conscientização e sensibilização das relações sociais. Já a segunda propõe mudanças na estrutura social, se necessário recorrendo a métodos revolucionários, mais rápidos e radicais.

O pensamento social antroposófico não ignora a influência das condições exteriores (materiais e sociais) sobre nosso modo de ser, tão claramente demonstrada pela sociologia tanto marxista, quanto positivista. Acredita, porém, existir em cada pessoa, como já foi explicitado, uma individualidade espiritual, que articula o interior e o exterior de um modo específico. Assim o indivíduo pode superar as condições adversas exteriores e realizar-se com maior ou menor dificuldade.

Nessa linha de raciocínio, a Antroposofia considera que o sistema social, com suas instituições, é feito pelo homem e, portanto, a transformação social depende em última instância do esforço individual e do sentido das realizações internas. É claro que as mudanças serão mais ou menos difíceis de acordo com as circunstâncias externas, contudo, não há uma dependência total do interior para com o exterior e sim uma inter-relação. O indivíduo age dentro da sociedade, segundo suas habilidades, e pode criar modelos de sociedade com idéias e imagens construtivas para neutralizar as forças destrutivas. Com base nessas premissas e nos ideais humanísticos e espiritualistas, Rudolf Steiner elaborou sua teoria da trimembração social.

Para ele, a sociedade é vista como "... organismo - um todo em que, de acordo com o grau de evolução e dentro de um contexto histórico, as instituições constituem órgãos e suas atividades e atribuições autênticas funções orgânicas que não podem ser arbitrariamente compostas, decompostas ou recompostas" (Lanz, 1990b).

Steiner concebeu a estrutura social com os mesmos três planos ontológicos visualizados em sua antropologia: o físico, o anímico, e o espiritual. Na convivência social, o homem busca suprir as três necessidades fundamentais. a) As materiais ligadas à sua sobrevivência física. Os bens materiais extraídos da natureza e os produzidos pelo homem assumem o caráter de mercadorias constituindo o setor econômico. b) As sociais, ou seja, as necessidades voltadas para a própria organização do convívio humano. São as normas, as leis que garantem o equilíbrio nas relações humanas. Este é o plano jurídico-político. c) As espirituais são todas aquelas aspirações ligadas à cultura no seu sentido mais amplo: filosofia, arte, religião, ciências, moral etc. É o plano em que o homem busca sua auto-realização mais profunda.

A raiz de todos os problemas sociais - desde a miséria econômica, a concentração de poder até as ideologias e os preconceitos - vem da invasão de cada área pelas demais desrespeitando o princípio de autonomia. O Estado intromete-se na cultura e na economia; a economia interfere na cultura e na política; e a cultura também extrapola-se ao envolver-se com assuntos políticos e econômicos. Uma sociedade resolveria muitos de seus problemas se tivesse, por exemplo, um sistema educacional e de comunicação sem ingerência ideológica do Estado e do poder econômico.

CARDOSO,
Clodoaldo M. Suave
revolução: uma
experiência de edu-
cação popular
comunitária.
Mimesis, Bauru, v.
19, n. 2, p. 25-40,
1998.

CARDOSO,
Clodoaldo M. Suave
revolução: uma
experiência de edu-
cação popular
comunitária.
Mimesis, Bauru, v.
19, n. 2, p. 25-40,
1998.

Por sua vez, este também deveria ser autônomo sem intromissão do Estado. "Ao governo cabe exclusivamente sancionar a existência das instituições do setor econômico e de zelar pela estrita observância das regras elaboradas para esse fim. Tudo o que é econômico deve ser debatido e resolvido dentro do setor econômico, de acordo com sua função exclusiva..." (Lanz, 1990b).

Enfim, na visão social antroposófica tanto a hipertrofia do poder estatal quanto o liberalismo econômico são formas sociais geradoras de problemas sociais. Todavia, a exploração do trabalho na área econômica, o monopólio do poder na vida político-jurídica e a manipulação ideológica na vida espiritual (cultura) têm uma causa profunda comum: o egoísmo humano. Steiner (1986) apresenta, como solução, o resgate dos valores da Revolução Francesa, na seguinte versão: liberdade na cultura, igualdade na política e fraternidade na economia. Contudo, toda revolução social profunda somente ocorre se houver uma mudança lenta e silenciosa nas idéias, nos valores e, em especial, no coração do homem. Esse pensamento de Rudolf Steiner é o fundamento teórico do trabalho de educação popular comunitária da pedagoga Ute Craemer, há mais de trinta anos.

A COMUNIDADE DE MONTE AZUL

Na pesquisa de campo, recorri-me a técnicas da metodologia qualitativa, devido à especificidade do objeto. Monte Azul é 'fenômeno social' peculiar, cuja realidade a estatística não dá conta de revelar. Nesse caso, a metodologia qualitativa "fornece uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social...", como expressa Haguette (1992). Assim as técnicas da observação (não-participante) e da entrevista por meio de conversas informais gravadas foram fundamentais para a caracterização fenomenológica do objeto de estudo. Para essa finalidade, também foram utilizados dados extraídos de folhetos da ACOMA e de um documentário em vídeo sobre a comunidade de Monte Azul, produzido pela TV Cultura.

Após a coleta dos dados, esses foram cruzados entre as diversas fontes citadas e considerados relevantes somente os dados concordantes. A partir deles, fez-se uma descrição minuciosa da realidade social captada em Monte Azul e, finalmente, os dados foram interpretados à luz das teorias educacionais e sócio-políticas do pensamento antroposófico.

Cravada em um pequeno vale, na região oeste da cidade de São Paulo, fica Monte Azul com seus 560 barracos com quase 5000 pessoas. Logo no início da visita, percebi a existência de algo diferente em Monte Azul. Apesar do riacho cinzento, um esgoto a céu aberto, que rasga o vale, não vi lixo espalhado. Tudo bem cuidado. As ruelas estavam limpas e cimentadas em muitos trechos. As reformas dos barracos transmitiram crença no futuro. Alguns meninos empinavam pipas, mas não havia crianças menores soltas pela favela. Onde estavam? Senti amabilidade

nos olhares. Inacreditável! O ambiente exalava um certo encanto contraditório: a pobreza "humanizada".

Monte Azul recebe constantes visitas de estudiosos de várias partes do mundo. Para não 'alterar' o cotidiano dos moradores, as visitas são sempre programadas em um único dia da semana. O visitante recebe folhetos (ACOMA, 1990), contendo os dados sobre a comunidade e é acompanhado por um guia por todos setores da favela.

A Associação Comunitária Monte Azul - ACOMA, fundada em 1979, é fruto de um trabalho de organização popular liderado pela pedagoga alemã Ute Craemer. Depois de dez anos de existência, a ACOMA já possuía 90 colaboradores efetivos, 60 deles moradores em Monte Azul, além de 20 colaboradores do Brasil e do exterior. Sua estrutura física possui: berçário; creches; jardins de infância; pré-escola; ambulatório médico-dentário; horta; pomar; centro de juventude; oficinas profissionalizantes (marcenaria, padaria e tecelagem); grêmio recreativo; cooperativa habitacional e uma lojinha para venda da produção artesanal e para divulgação do trabalho comunitário. A associação comunitária oferece ainda: complementação e reforço escolar (7 a 14 anos); cursos de alfabetização de adultos, cursos técnicos; curso de formação e habilitação de auxiliares em educação para creches e jardins de infância; assistência jurídica; plantão social e programa de saneamento e coleta seletiva de lixo. Entre as atividades de lazer e cultura, destaco o Grupo de Teatro Monte Azul surgido em 1987. O grupo desenvolve principalmente trabalhos de valorização da cultura popular e de conscientização dos problemas sociais da favela e do país.

Há uma equipe responsável pela organização interna para que as múltiplas atividades estejam integradas e atendam eficazmente a comunidade. A ACOMA mantém reuniões constantes entre os diversos grupos de trabalho, dialogando, trocando informações e experiências. Semanalmente, há a Reunião Geral, de que participam todos os colaboradores e voluntários. Nessa assembléia, são discutidos os problemas e as diretrizes da ação comunitária. É o momento, muitas vezes utilizado para discussão de temas gerais da sociedade brasileira. Duas outras reuniões específicas são realizadas semanalmente: a reunião de metas com os colaboradores com função coordenadora (conselho deliberativo) e a reunião por áreas (saúde, educação, administração etc.) quando ocorre a avaliação e o planejamento específicos do setor. As diversas comissões, formadas por colaboradores de diversas áreas (de festas, de alimentação, do lixo etc.) reúnem-se apenas quando necessário. Há também outros encontros dos colaboradores e voluntários para estudos de aprofundamento, lazer e confraternização.

No aspecto financeiro, a ACOMA manteve-se inicialmente apenas com doações esporádicas e particulares. O apoio financeiro regular foi uma conquista lenta. O esforço em busca de apoio financeiro é constante. Muitos setores ainda são mantidos com recursos da própria comunidade, como é o caso do ambulatório. Em 1981, firmou-se o primeiro

CARDOSO,
Clodoaldo M. Suave
revolução: uma
experiência de edu-
cação popular
comunitária.
Mimesis, Bauru, v.
19, n. 2, p. 25-40,
1998.

CARDOSO,
Clodoaldo M. Suave
revolução: uma
experiência de edu-
cação popular
comunitária.
Mimesis, Bauru, v.
19, n. 2, p. 25-40,
1998.

convênio com a Prefeitura de São Paulo para atender crianças de 7 a 14 anos nas atividades de reforço escolar. A partir daí, a ACOMA passou a contar também com: convênio com a Amencar (Amparo ao Menor Carente); convênio com o Senai (Curso Básico de Profissionalização); contribuição de sócios; contribuição de empresas e instituições; padrinhos e benfeitores do Brasil e Europa; apoio de organizações internacionais para projetos temporários.

Das observações cuidadosamente anotadas e das entrevistas realizadas com alguns dos colaboradores (ver trechos em anexo), pôde-se depreender a estreita ligação entre a teoria antropológica e a prática educacional e de organização social em Monte Azul. Vejamos três exemplos:

A coordenadora de creche, D. Eva, mostrou algumas especificidades do trabalho com as crianças segundo a orientação antropológica. Desde o berçário, passando pela creche, jardim de infância, pré-escola, até a complementação escolar no 1º grau, as crianças são tratadas em suas três dimensões integradas: corpo, alma e espírito. A alimentação, seguindo os preceitos antropológicos, é a mais natural possível: pão integral, carne de soja e bastante verdura. Buscando o equilíbrio natural, as crianças são estimuladas a serem sensíveis aos ciclos da natureza: as estações do ano. As brincadeiras e cantigas seguem as "rodas do tempo": a roda do vento (agosto), a roda das flores (primavera) etc. Em lugar dos brinquedos industrializados de metal ou de plásticos, as crianças brincam com os de madeira, bonecas e bolas de pano, construídos artesanalmente ou coletados como gravetos, pedrinhas, sementes. Também são bastante explorados a música, o desenho, a expressão corporal, o teatro e histórias orais. Valoriza-se o respeito, a solidariedade, a criatividade, a sensibilidade estética, a natureza etc. Nas creches, tudo é muito simples e modesto, porém acolhedor e carinhoso. Para D. Eva, na comunidade "as coisas funcionam, porque tem muita gente trabalhando junto com o mesmo objetivo". Já Edonisa, professora da pré-escola, enfatizou o trabalho lúdico que faz em uma pré-escola antropológica, sem a racionalização da alfabetização comum. O contato com as letras é feito através de fantasias, brincadeiras e desenhos. Nessa fase, não interessa a letra certinha e pequena. "Aqui é tudo maior, mais solto e com bastante fantasia para que a letra entre no espírito da criança".

A padaria é outro exemplo da prática alimentar segundo o pensamento naturalista antropológico. Sebastião, o padeiro, explica que seu estabelecimento é independente e particular, contudo, para as creches faz somente pão integral encomendado pela Associação. Sebastião também falou da dificuldade da formação da comunidade de Monte Azul. Houve resistência dos moradores, "... porque (os fundadores) são alemães, gente de fora. A gente ficou muito desconfiado do que eles queriam realmente aqui". Hoje, a ACOMA parece ter um bom relacionamento com a comunidade. Procura manter um equilíbrio entre a ação coletiva e os interesses individuais, como propõe o pensamento social antropológico na obra *Nem capitalismo nem socialismo* (Lanz, 1990b). Sebastião revela

isso quando fala de política: "a Associação procura esclarecer a população daqui, mas não manda ninguém votar neste ou naquele partido".

Por fim, merece destaque a articulação entre a teoria e a prática no plano da organização social, presente na fala de Paulo, então presidente da ACOMA. Paulo traçou inicialmente o perfil democrático da associação: "O presidente não decide nada sozinho, não é dono da verdade. Tudo passa pelo conselho da associação." Mostrou de que modo é feito o trabalho de conscientização política na orientação antropológica: "Nós fazemos a conscientização política por meio de eventos culturais que elevem o conhecimento da realidade brasileira. (...) Convidamos pessoas achamos interessantes para vir falar aqui. Trazemos filmes, fazemos debates. Temos grupo de teatro, temos coral. (...) A partir do momento que elas têm acesso à cultura, a uma série de coisas, as pessoas começam naturalmente a questionar." Paulo termina seu depoimento mostrando que a libertação global do homem passa também pela saúde natural do corpo e pela elevação do espírito por meio da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desta última parte visa mostrar a articulação teórico-prática da experiência comunitária de Monte Azul e especificidade de alguns aspectos em relação a outras formas de educação popular.

A educação popular comunitária, como a de Monte Azul, se configura como modelo democrático da participação produtiva, voltada ao bem estar da comunidade. A educação passa a ser praticamente sinônimo de organização das camadas populares, num processo paulatino de transferência de poder à comunidade. Embora a grande liderança ainda seja exercida pela fundadora Ute Craemer, percebe-se claramente que a descentralização democrática garante uma autonomia da associação enquanto organização.

Em Monte Azul, percebe-se que o sentido de educação popular não relega "ao esquecimento situações concretas de vida da maioria da população e as possibilidades de ação comunitária que permite a superação de problemas através do esforço coletivo" (Vale, 1991).

O trabalho de educação popular comunitária, em sua versão antropológica, não mostra fronteiras nítidas entre a educação formal e a informal. É projeto educacional holístico que envolve tanto estudos sistemáticos (aulas), como hábitos alimentares, saúde, higiene, posturas éticas, lazer etc. Um dos exemplos registrados foi o fato de a educação formal estar em sintonia com os ciclos da natureza e da sociedade que eles chamam de 'roda', proporcionando uma integração entre escola e a vida, base da educação antropológica.

Na relação entre a comunidade de Monte Azul e o poder público, percebem-se algumas tonalidades do pensamento anarquista presente na Antroposofia. Não se descarta o auxílio do Estado, todavia, a comunidade não aceita interferência desse nas diretrizes da ação comunitária. O presidente da ACOMA deixou claro a independência ideológica da co-

CARDOSO,
Clodoaldo M. Suave
revolução: uma
experiência de edu-
cação popular
comunitária.
Mimesis, Bauru, v.
19, n. 2, p. 25-40,
1998.

CARDOSO,
Clodoaldo M. Suave
revolução: uma
experiência de edu-
cação popular
comunitária.
Mimesis, Bauru, v.
19, n. 2, p. 25-40,
1998.

munidade em relação ao poder público e a partidos políticos. O Estado pode e devem subsidiar a educação, mas sem impor projetos educacionais que devem emergir das comunidades locais.

Por fim, em consonância com a visão social da Antroposofia, não se encontra, em Monte Azul, a conscientização política a serviço da organização das classes populares para exercer seu papel revolucionário de transformação do sistema capitalista. O presidente da associação insistiu em explicar a dimensão culturalista da conscientização política na linha antroposófica, em que não entra o componente "luta de classes", pois parte de uma transformação interior do homem. É a libertação do homem pelo caminho da não-violência.

A eficácia da educação popular em Monte Azul está em seu sentido humano profundo, no engajamento na vida cotidiana e na inegável promoção da pessoa. Alguns aspectos da teoria antroposófica podem até sofrer críticas no plano acadêmico. Como, por exemplo, colocar em questão o caráter idealista da visão social, a dimensão exageradamente culturalista da concepção de cidadania, o reducionismo da consciência política. Entretanto, a educação popular em Monte Azul consegue atingir plenamente seus objetivos. Lá, o sonho dos pioneiros, a dedicação dos colaboradores e dos voluntários e sentimento de solidariedade fraterna dos moradores sustentam mais o projeto comunitário do que a própria teoria antroposófica.

No mundo contemporâneo, o ser humano parece ter perdido qualquer referencial ético e a insensibilidade diante do mistério da vida, banalizando todos os tipos de violência. Diante de tanta crueldade, parece não se justificar mais nem mesmo as lutas pela justiça e cidadania, que não trilhem os caminhos da não-violência.

Monte Azul é exemplo do caminho de uma suave revolução.

CARDOSO, Clodoaldo M. Smooth revolution: an experiment with community popular education. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 2, p. 25-40, 1998.

ABSTRACT

Based on the community experiment conducted in "Favela Monte Azul" located in São Paulo, organized according to the anthroposophic holistic thought, this paper attempts to discuss some problematic aspects involving such popular educational mode: a) the promotion of the human person as a whole, that is, in terms of spiritual and material dimension; b) the contradiction between the public power's concerns and the local community's autonomy; c) the articulation between inner changes, starting point for outer ones, and the transformations of unfair social structures; d) the political awareness and the fight for freedom through a non-violent attitude.

The data, collected by means of qualitative technique, were interpreted in light of educational and socio-political theories of the anthroposophic

thought, to show the theoretical-practical articulation of the community experiment taken in Monte Azul and the specificity of some aspects related to other forms of popular education.

Results have shown that even though anthroposophic social theory may be questionable in some points, Monte Azul's popular education completely reaches its objectives. There, the pioneer's dream, volunteers' and collaborators' dedication as well as fraternity sustain the community project.

In these days world, where human beings find the lack of ethic referencial, rendering banal all kinds of violence, Monte Azul is an example of the way towards a smooth revolution.

Key Words: popular education, holistic education, anthroposophy, Waldorf pedagogy.

AGRADECIMENTOS

Edson Moraes Maitinho, professor da UNESP/Campus de Bauru, que participou do trabalho de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOMA: *Associação comunitária Monte Azul*, São Paulo: ACOMA, 1990. (folhetos)

BRANDÃO, Carlos R. *Perspectivas e dilemas da Educação Popular*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

CARDOSO, Clodoaldo M. *A canção da inteireza: uma visão holística da educação*. São Paulo: Summus, 1995.

CREMA, Roberto. *Introdução à visão holística: breve relato de viagem do velho ao novo paradigma*. São Paulo: Summus, 1989.

CRAEMER, Ute. *A questão social*. São Paulo: Antroposófica, 1989.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1992.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: O que é "Esclarecimento"? In: *Textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1974.

LANZ, Rudolf. *A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano*. São Paulo: Antroposófica, 1990a.

_____. *Nem capitalismo nem socialismo: a organização social segundo Rudolf Steiner*. São Paulo: Antroposófica, 1990b.

CARDOSO, Clodoaldo M. Suave revolução: uma experiência de educação popular comunitária. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 2, p. 25-40, 1998.

CARDOSO, Clodoaldo M. Suave revolução: uma experiência de educação popular comunitária. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 2, p. 25-40, 1998.

_____. *Noções Básicas de Antroposofia*. São Paulo: Antroposófica, 1990c.

NARANJO, Cláudio. Educando a pessoa como um todo num mundo como um todo. In: BRANDÃO, D. M.S. e CREMA, R. (orgs). *Visão holística em psicologia e educação*. São Paulo: Summus, 1991.

STEINER, Rudolf. *Ciência espiritual e a questão social*. São Paulo: Antroposófica, 1986.

VALE, José Misael Ferreira do. *Idéias para a construção de um conceito de educação popular*. Pós-Graduação em Educação, UNESP/Marília, 1991. (texto avulso)

WILSON, Colin. *Rudolf Steiner: o homem e a sua visão*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ANEXO

Principais trechos das entrevistas feitas com colaboradores da comunidade de Monte Azul.

EVA ('mãe' de creche)

P: Esta creche segue a orientação antroposófica, não é? A senhora poderia mostrar em que difere esta creche de outras que não seguem esta orientação?

R: Há muita diferença nos tipos de brincadeira. Por exemplo, na parte pedagógica aqui temos as 'rodas' que outras creches não têm.

P: O que são as 'rodas'?

R: As rodas são brincadeiras, cantigas de acordo com cada época do ano. Nós chamamos de rodas do tempo. Tem 'roda do vento' que é a de agosto, a 'roda de setembro' que é da primavera. Tudo tem a ver com a época.

P: Então as crianças procuram viver os ciclos da natureza?

R: Isso mesmo. Uma outra coisa é que nas creches comuns muitos brinquedos são de plásticos, comprados em loja. Aqui só temos brinquedos de madeira, bonecas de pano feitas pela própria comunidade.

P: E alimentação?

R: É muito diferente também. As crianças comem pão integral, carne de soja, bastante verdura. Tudo o mais natural possível.

P: A coordenadora da comunidade é Ute Craemer?

R: Ela é a fundadora, a líder, mas quem coordena todo o trabalho é um

grupo de pessoas. Aqui as coisas funcionam porque tem muita gente trabalhando junto com o mesmo objetivo.

Edonisa (professora da pré-escola)

P: O que você destacaria de importante no trabalho com as crianças de pré-escola, na pedagogia Waldorf?

R: Aqui não temos o objetivo principal de ensinar as crianças a ler e a escrever, como se faz normalmente em muitas outras pré-escolas, mas desenvolver a percepção dos movimentos de seu corpo, sua fantasia. Todo o nosso trabalho é feito com muita fantasia. Eles aprendem brincando. Quando eles desenham a letra A, não é um ato apenas de coordenação motora visando à apreensão do significado, mas é um estímulo para fantasiar a partir do 'A', muitas histórias.

P: Então, é aprender de uma maneira natural?

R: Sim. Por meio de fantasia e de brincadeira é um caminho natural e não de maneira 'dura', como em muitas escolas. Nessas escolas, eles ensinam a criança a escrever a letra A, de maneira certinha, bem bonito e pequeno. Aqui tudo é maior, mais solto, com bastante fantasia para que a letra entre no espírito da criança. Ela aprende aquilo e nunca mais esquece.

P: De quem você recebe as orientações pedagógicas?

R: A parte do magistério, a gente aprende no núcleo de formação de professores da escola Rudolf Steiner, lá na cidade. Sempre há de encontros de professores para orientação.

Sebastião (padeiro)

P: A padaria pertence à Associação?

R: Não, a padaria é independente. A Associação compra o pão e distribui para as creches. Para as creches, fazemos somente pão integral, seguindo a orientação da Associação.

P: A Associação também orienta os moradores em assuntos de política?

R: Ela procura esclarecer a população daqui, mas não manda ninguém votar neste ou naquele partido.

P: A idéia de formar uma associação comunitária em Monte Azul foi bem aceita desde o início?

R: No início, foi um pouco difícil. Foi difícil para a gente aceitar a idéia de Dona Ute.

CARDOSO,
Clodoaldo M. Suave
revolução: uma
experiência de edu-
cação popular
comunitária.
Mimesis, Bauru, v.
19, n. 2, p. 25-40,
1998.

CARDOSO,
Clodoaldo M. Suave
revolução: uma
experiência de edu-
cação popular
comunitária.
Mimesis, Bauru, v.
19, n. 2, p. 25-40,
1998.

P: Por que houve resistência?

R: Porque são alemães, gente de fora. A gente ficou muito desconfiado do que eles queriam realmente aqui.

Paulo (presidente da Associação e chefe da marcenaria)

P: Qual o papel do presidente na ACOMA?

R: Nossa associação tem um sistema democrático. O presidente não decide nada sozinho, não é o dono da verdade. Tudo passa pelo Conselho da Associação. Um grupo de oito pessoas coordena todo o trabalho aqui na favela. Cada membro do conselho coordena um setor, uma área. Tudo se resolve em reuniões desse grupo. Porém, para efeito legal temos uma diretoria com presidente, secretário, tesoureiro como qualquer associação.

P: Estivemos conversando com o Sr. Sebastião sobre o trabalho da Associação e a questão político-partidária. Gostaríamos de ouvir de você opiniões sobre o assunto.

R: Aqui, individualmente, existem pessoas engajadas em partidos políticos, mas a associação procura fazer um trabalho social desvinculado dos partidos políticos. O que nós não queremos é que isto aqui seja propriedade desse ou daquele partido. Não queremos levantar uma bandeira aqui, mas a conscientização política é uma preocupação nossa.

P: No trabalho sindical, a conscientização política se faz explicitando as contradições entre as classe sociais, especificamente entre os ricos e os pobres. Com isso estimula-se a união e a organização dos oprimidos para lutar pela sua libertação. Cria-se uma expectativa de que um dia essa situação de exploração possa ser superada pelo confronto. É sempre um movimento de força e de pressão. E aqui na comunidade, como é feita a conscientização política?

R: Nós fazemos a conscientização política por meio de eventos culturais que elevem o conhecimento da realidade brasileira. Segundo a orientação pedagógica antroposófica, a base da solução dos problemas sociais está na educação. Convidamos pessoas que achamos interessantes para vir falar aqui. Trazemos filmes, fazemos debates. Temos grupo de teatro, temos coral. Temos eventos culturais para as várias épocas do ano: época do carnaval, época do negro. Aí nós debatemos por que o negro veio para o Brasil, a importância da contribuição do negro para a cultura brasileira. Do índio também. Como as coisas se deram. É por aí que a gente procura conscientizar a população.

P: Essa orientação realmente desenvolve a consciência crítica da realidade?

R: Sim, a cultura abre a mente das pessoas. A partir do momento que elas têm acesso à cultura, a uma série de coisas, começam naturalmente a questionar.

P: O caminho é elevar o nível cultural ...

R: Exatamente.

P: É essa a libertação do homem pelo caminho da não-violência de que fala a Antroposofia?

R: Sim, porém essa libertação se dá por meio de um conjunto de coisas. Passa pela libertação do corpo com alimentação natural e medicação homeopática da medicina antroposófica, pela organização social baseada na justiça, liberdade, solidariedade e por uma educação que eleve o espírito.

.....
CARDOSO,
Clodoaldo M. Suave
revolução: uma
experiência de edu-
cação popular
comunitária.
Mimesis, Bauru, v.
19, n. 2, p. 25-40,
1998.
.....